

A INSERÇÃO DAS ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO EM DISCIPLINAS

percepções de docentes e discentes do curso de Expressão Gráfica da UFPR

THE INTEGRATION OF CURRICULAR EXTENSION ACTIVITIES INTO COURSES
perceptions of faculty and students in the Graphic Expression program at UFPR

Arabella Natal Galvão da Silva¹

Isabella de Souza Sierra²

Heitor José Mazon Kudlawiec³

RESUMO

Este artigo investiga a inserção das Atividades Curriculares de Extensão (ACE) em disciplinas, na formação discente no curso de Expressão Gráfica da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a partir da percepção de estudantes e professores, desde 2022. Utilizou-se a abordagem *survey*, com aplicação de questionários a discentes e docentes envolvidos, para compreender os efeitos dessa integração no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados indicam que a maioria dos respondentes avalia positivamente a curricularização da extensão, destacando benefícios como a aplicação prática de conhecimentos, a aproximação com demandas reais da sociedade e o enriquecimento da formação acadêmica. No entanto, também foram apontados desafios, como o tempo limitado para a realização das atividades e a necessidade de maior planejamento. A análise dos dados, realizada por uma equipe com diferentes graus de envolvimento com a extensão, fez com que fossem apontadas oportunidades de melhoria, como a reestruturação de disciplinas considerando tempo, interesse, utilidade da atividade e comunicação entre demandantes, docentes e discentes. Reforça-se também com este trabalho a importância de consolidar instrumentos de avaliação e ampliar o levantamento de dados em outros cursos.

Palavras-chave: Atividades curriculares; Extensão; Formação discente; Expressão Gráfica.

ABSTRACT

This study examines the inclusion of Curriculum Extension Activities (ACE) within academic disciplines and its role in student development at the Graphic Ex-

¹ Departamento de Expressão Gráfica da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Design pelo Programa de Pós Graduação em Design da UFPR e pós-doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: arabellagalvao@ufpr.br.

² Departamento de Expressão Gráfica e Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná.

Doutora em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR e pós-doutora em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: isabella.sierra@ufpr.br.

³ Departamento de Expressão Gráfica da Universidade Federal do Paraná. Graduando em Expressão Gráfica. E-mail: heitorjmk@gmail.com.

pression program at the Federal University of Paraná (UFPR), drawing on student and faculty perspectives from 2022 onwards. Employing a survey-based methodology, questionnaires were administered to participants to assess the impact of this integration on the teaching and learning process. Findings reveal a predominantly positive assessment of the 'curricularization' of outreach, emphasizing the practical application of theory, engagement with real-world social demands, and enhanced academic experience. Conversely, participants noted challenges regarding time constraints and the necessity for more robust planning. Analyzed by a diverse research team, the data suggests several areas for improvement, including the restructuring of courses to better align time, student interest, and utility, as well as enhancing communication between community partners, professors, and students. Finally, the work underscores the need to solidify assessment tools and broaden research across other academic fields.

Keywords: Curricular activities; Extension; Student education; Graphic Expression.

INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES) públicas brasileiras fundamentam suas atividades no tripé ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). A extensão é responsável por promover a interação entre a IES e a sociedade por meio da aplicação do conhecimento gerado na pesquisa e transmitido pelo ensino. Assim, mantém-se em articulação permanente com as demais áreas institucionais. Até 2014, a extensão universitária era uma iniciativa voluntária de professores e estudantes, regulamentada pelo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de cada IES. Entretanto, com a aprovação da Lei nº 13.005 de 2014, que instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE) para um período de 10 anos, a extensão tornou-se obrigatória para todos os estudantes. A estratégia 12.7 do PNE determina que essa participação priorize programas e projetos de extensão universitária voltados para áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014, p. 6). Essa obrigatoriedade, denominada curricularização da extensão, vem sendo implementada pelas IES de diferentes formas, promovendo

uma nova configuração das atividades acadêmicas.

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR) a curricularização da extensão é regulamentada pela Resolução 86/2020 e pela Instrução Normativa 01/2022 da Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional (PROGRAD). Estas normas estabelecem as maneiras de operacionalizar a extensão nos currículos dos cursos, chamada de Atividades Curriculares de Extensão (ACE). Uma destas maneiras é a ACE II, que prevê que uma parte ou a totalidade da carga horária de uma disciplina pode ser destinada à participação em ações de Programas, ou Projetos de Extensão, desde que isso seja previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

A partir dessa implementação, que vem ocorrendo desde 2020, com mais força a partir de 2022, após o retorno das atividades presenciais pós-pandemia, surge o questionamento sobre a efetiva contribuição dessas práticas extensionistas para o processo de ensino e aprendizagem e para a formação discente.

Desse modo, este artigo tem como pergunta principal: como as atividades curriculares de extensão, com atenção especial às ACE II, impactam a formação discente no curso de Expressão Gráfica da UFPR, na percepção de estudantes e professores?

O objetivo é descrever a percepção de estudantes e professores quanto aos impactos das atividades curriculares de extensão aplicadas nas disciplinas, na formação discente do curso de Expressão Gráfica da UFPR. Para atingir esse objetivo, utilizou-se o método de pesquisa *survey*, com a aplicação de questionário a estudantes participantes das atividades e professores das disciplinas nas quais as atividades extensionistas foram inseridas.

Os resultados foram coletados e discutidos à luz das intenções, objetivos e metas da implementação da extensão propostas pelo PNE e na Resolução nº 7 do CNE (BRASIL, 2018), e de outras experiências de curricularização, gerando sugestões de melhoria e práticas para uma implementação mais efetiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A extensão universitária, parte fundamental da tríade ensino-pesquisa-extensão, promove a interação entre a universidade e a sociedade, articulando teoria e prática para o desenvolvimento social, cultural e econômico. Por meio de projetos extensionistas, os estudantes aplicam conhecimentos, desenvolvem habilidades práticas e constroem redes profissionais, enquanto as demandas sociais geram novas linhas de pesquisa, formando um ciclo virtuoso entre ensino, pesquisa e extensão (FORPROEX, 2012).

O Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 13.005/2014, estabelece a meta de que pelo menos 10% dos créditos

curriculares dos cursos de graduação sejam destinados à extensão universitária (BRASIL, 2014). A Resolução nº 7/2018 regulamenta essa meta, definindo princípios para a extensão, como a interação dialógica universidade-sociedade, formação cidadã e integração entre ensino, pesquisa e extensão, além de estabelecer a obrigatoriedade da autoavaliação das ações extensionistas (BRASIL, 2018).

A curricularização da extensão não se configura apenas como uma exigência normativa, mas como uma mudança paradigmática na concepção de formação no ensino superior, ao reforçar o compromisso social da universidade pública e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, mais do que cumprir uma carga horária obrigatória, trata-se de tensionar modelos tradicionais de ensino, historicamente centrados na transmissão de conteúdos, em direção a práticas formativas mais contextualizadas, dialógicas e socialmente referenciadas (FORPROEX, 2012; BRASIL, 2018; BRASIL, 2025).

Este processo reafirma a natureza da universidade pública como parte da política de educação, entendida como um direito social, cuja função está intrinsecamente atrelada ao diálogo com a sociedade e suas demandas. Assim, a extensão torna-se um vetor estratégico para promover o desenvolvimento social, científico, cultural e econômico do país (BRASIL, 2018; BRASIL, 2025). Essa mudança, no entanto, traz desafios relacionados à sua operacionalização nos currículos, à articulação com demandas sociais reais e à construção de estratégias pedagógicas coerentes com seus princípios. Isso justifica a necessidade de estudos que analisem sua implementação.

Para garantir a efetividade e coerência dessas ações extensionistas, a Resolução nº 7/2018 estabelece a obrigatoriedade da autoavaliação

ção da extensão. Conforme o Art. 11, essa autoavaliação deve considerar três aspectos principais: (I) a identificação da pertinência das atividades de extensão para a creditação curricular; (II) a contribuição dessas atividades para os objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs); e (III) a demonstração dos resultados alcançados junto ao público participante. Esses critérios asseguram que a extensão esteja alinhada aos objetivos institucionais e sociais, promovendo uma formação acadêmica mais conectada com a realidade. A construção de instrumentos e indicadores de avaliação torna-se uma etapa fundamental no planejamento e na gestão da extensão universitária.

No Curso de Expressão Gráfica da UFPR, o Projeto Pedagógico aponta para a realização de projetos ágeis e interativos, formando profissionais aptos a conceber e fabricar projetos físicos e digitais, enfrentando desafios que exigem senso crítico e criatividade (CEGRAE, 2018; CARDOSO, 2008; CUNICO; SPESSATTO, 2022). Embora muitos projetos acadêmicos sejam fictícios para controle pedagógico e estruturação didática, os reais oferecem vivências mais próximas do contexto profissional, apesar das dificuldades de alinhamento temporal e comunicação com a comunidade (BENATTI; LANA, 2018).

Estudos recentes sobre a implementação da curricularização em diferentes áreas do saber corroboram a ideia de que a extensão funciona como um "laboratório de aprendizagem intensiva", promovendo a transposição didática e ciclos de feedback que potencializam a reflexão-na-ação (SILVA; SOMER; ANDRADE, 2026). Em cursos de tecnologia e engenharia, a participação em projetos e grupos como o PET tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento de habilidades interpessoais

como trabalho em equipe e comunicação e habilidades específicas, conectando o estudante de forma holística às demandas do mercado (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2025; PINHEIRO *et al.*, 2025). Além disso, experiências em áreas como Ciências Econômicas e Nutrição reforçam que essa prática promove o protagonismo estudantil e a empatia, permitindo que a teoria ganhe contornos reais (DILL; GOMES, 2025; FRUTUOSO; SPERIDIÃO, 2025).

Contudo, a literatura também aponta desafios estruturais que permeiam essa transição. Entre os principais obstáculos estão a resistência docente, a carência de infraestrutura e as limitações financeiras (HOGEMANN, 2026; BRAGA *et al.*, 2026). No contexto específico do ensino a distância, a percepção docente indica uma dificuldade acentuada em associar atividades extensionistas à modalidade, demandando maior investimento em tecnologias mediadoras e suporte institucional (RIBEIRO *et al.*, 2025). Há, ainda, um alerta sobre o risco de burocratização, caso a extensão seja reduzida a uma mera contagem de créditos sem a devida sensibilização da comunidade e a construção de vínculos institucionais sólidos (COSTA; ROIK, 2025; BRAGA *et al.*, 2026). Tais evidências reforçam que a eficácia da curricularização depende de uma reestruturação contínua que envolva capacitação e um diálogo genuíno com a sociedade.

Por fim a extensão tem potencial para atender demandas sociais não supridas pelo mercado, atuando em escolas públicas, unidades de saúde e coletivos de baixa renda, fortalecendo o compromisso da universidade com a inclusão e a conexão com a comunidade (MONTEIRO, 2020; BRASIL, 2025). A implementação consciente e a avaliação contínua, conforme a Resolução nº 7/2018, são essenciais para consolidar a extensão como componente indispensável da formação superior no Brasil.

MÉTODO

Para atender ao objetivo de descrever a percepção de estudantes e professores quanto aos impactos das atividades curriculares de extensão na formação discente do curso de Expressão Gráfica da UFPR, esta pesquisa foi desenvolvida a partir do método *Survey*. Conforme Freitas e colaboradores (2000) e Santos (2018), a *Survey* é um método apropriado, dentre outros fatores, quando não é possível controlar as variáveis dependentes e independentes, quando o ambiente natural é a melhor situação para estudar o fenômeno e quando este fenômeno ocorre no presente ou no passado recente. Estes três fatores são atendidos por este estudo.

A *Survey* é definida em Santos (2018, p. 178) como sendo “um método quantitativo de pesquisa que busca traçar o perfil de uma população conhecida acerca de um número limitado de questões”. Neste trabalho, a população são os estudantes e professores do curso de Expressão Gráfica que estiveram envolvidos em atividades curriculares de extensão a partir de 2022. Os dados a serem obtidos referem-se a sua percepção quanto aos impactos da inserção de atividades extensionistas nas disciplinas do curso.

Esta pesquisa se caracteriza como sendo descritiva, pois busca descrever opiniões manifestas pela população. Quanto ao momento de realização, esta *survey* é do tipo corte transversal, pois a coleta de dados ocorreu num único momento (FREITAS et. al., 2000).

A amostra é composta por dois perfis de público: professores e estudantes do curso de Expressão Gráfica. Apenas professores e estudantes que tiveram envolvimento com a curricularização da extensão foram convidados a participar desta pesquisa, caracterizando assim uma amostra probabilística, pois todos os elementos do universo pesquisado possuem a mesma chance de serem selecionados (FREITAS et. al., 2000). Esta decisão se deu pelo fato de não serem numerosos os representantes dos dois públicos. Contudo, destaca-se que nem todos estão facilmente acessíveis, pois alguns estudantes já se formaram.

O instrumento de coleta escolhido é o questionário online, constituído por perguntas abertas e fechadas. O questionário dividiu-se em três partes, sendo que a primeira objetivava caracterizar e quantificar a participação do respondente em atividades de extensão. A segunda parte visava investigar a percepção geral sobre a curricularização da extensão no curso de Expressão Gráfica. Finalmente, a terceira parte buscou investigar de modo mais específico as atividades de extensão ofertadas, sendo que estas atividades são listadas no Quadro 1. Os questionários eram parecidos entre si, no entanto, variavam em algumas questões que tinham relação direta com a percepção de docentes e discentes, visto que para os primeiros as respostas envolviam o planejamento das atividades e para os segundos a realização das atividades.

Quadro 1. Atividades de extensão ofertadas, com disciplina e semestre/ano da oferta

Código	Disciplina	Atividade	Período	Ano
CEG327	PROJETO DE MÓVEIS II	Quarto do Alexandre	1º Semestre	2022
CEG327	PROJETO DE MÓVEIS II	Quarto do Izidio e cozinha do Antônio	2º Semestre	2022
CEG326H	PROJETO DE MÓVEIS I	Lavanderia da profa. Isabella	1º Semestre	2023

CEG327	PROJETO DE MÓVEIS II	Quarto do filho do prof. Carboni	2º Semestre	2023
CEG310EH	COMPOSIÇÃO II	Redesign da logomarca do Museu de Ciências Geodésicas	2º Semestre	2023
CEG319EH	ERGONOMIA	Produtos para o LABINC - Laboratório de Inclusão	2º Semestre	2023
CEG326H	PROJETO DE MÓVEIS I	Sala da profa. Drielle	1º Semestre	2024
CEG327	PROJETO DE MÓVEIS II	Home office da profa. Zuleica	2º Semestre	2024
CEG310EH	COMPOSIÇÃO II	Redesign da logomarca da ABEC	2º Semestre	2024
CEG314E	MODELAGEM DIGITAL E ANIMAÇÃO II	Nomes das disciplinas - projeto Mídias	2º Semestre	2024
CEG319EH	ERGONOMIA	Adaptador para cortador de unha - LAMPI	2º Semestre	2024
CEG362E	PRODUÇÃO DE EVENTO EXTENSIONISTA I	Stand de Expressão Gráfica	1º Semestre	2025
CEG326H	PROJETO DE MÓVEIS I	Sala da profa. Andrea	1º Semestre	2025

Fonte: Os autores (2025).

Os resultados foram analisados separadamente entre docentes e discentes, comparando-se as respostas sempre que possível, e organizados por disciplina, com o intuito de evidenciar como a percepção varia entre os diferentes grupos de participantes. Além disso, os dados gerados foram discutidos por um grupo de autores com diferentes níveis de experiência em atividades de extensão: um docente sem experiência com extensão em disciplinas, mas com atuação em projetos de extensão; um professor com experiência na aplicação da extensão em disciplinas; e um discente participante de atividades extensionistas tanto no contexto disciplinar quanto em outras iniciativas, buscando gerar uma análise mais contextualizada das respostas. Para garantir o anonimato dos participantes utilizou-se gênero masculino para todos, tanto pesquisadores como respondentes.

O trabalho conclui com sugestões e propostas para melhorias na aplicação das atividades extensionistas, considerando os resultados das análises dos questionários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário esteve disponível de 29 de maio a 30 de junho de 2025. Dos 192 estudantes e egressos aptos a responder, por terem participado de atividades de extensão em disciplinas, 41 efetivamente o fizeram, correspondendo a cerca de 21% do total. Todos os quatro docentes responsáveis pelas disciplinas também responderam.

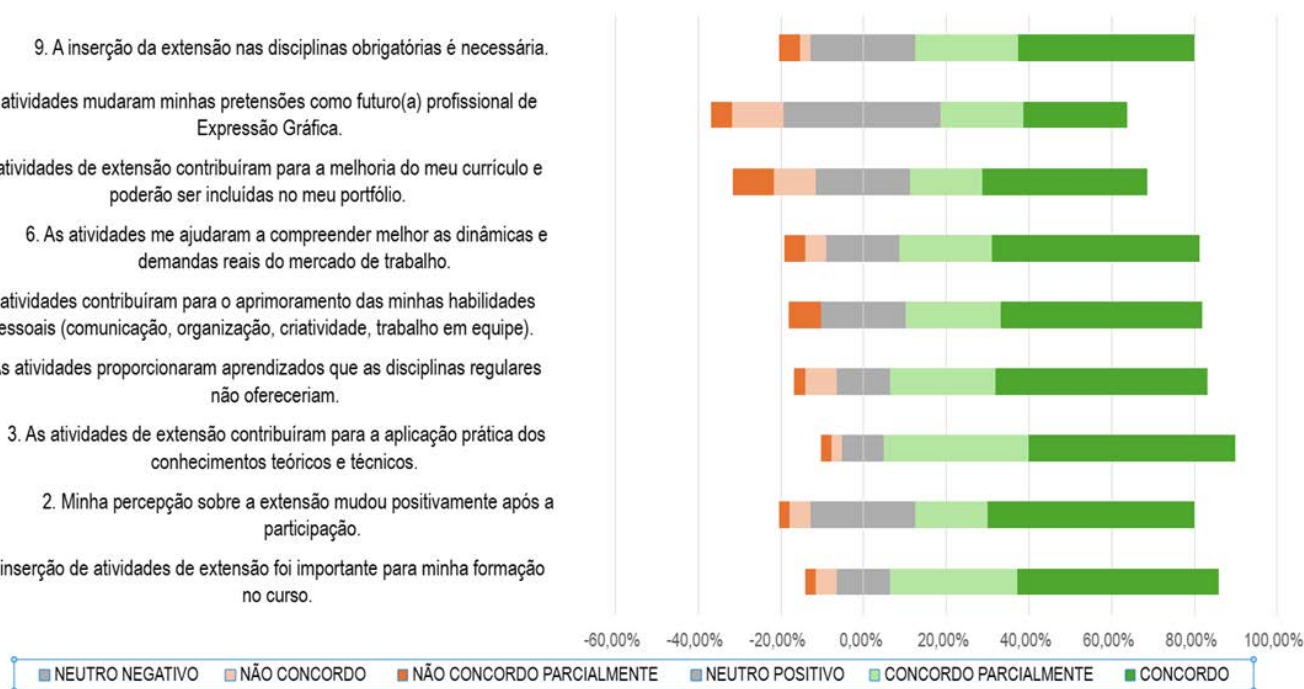
A primeira pergunta, comum a docentes e discentes, tratava da participação prévia em atividades de extensão. Essa questão foi incluída por sua relevância na identificação de relações entre experiências anteriores (em projetos, eventos e programas) e a percepção sobre a curricularização. Dos estudantes, ao menos metade (22 de 41) já havia participado de outras ações, principalmente projetos. Todos os docentes relataram envolvimento em projetos, cursos e outras atividades extensionistas. Quanto ao número de disciplinas com extensão cursadas, a maioria dos estudantes indicou ter participado de três ou mais (40%), seguida

por dois (27%) e uma disciplina (22,5%). Isso sugere que, com o tempo, a experiência dos estudantes tende a se ampliar.

O Gráfico 1 apresenta as respostas à segunda parte do questionário, voltada às impressões sobre a inserção da extensão no curso. Havia uma única pergunta, com diversas afir-

mativas a serem avaliadas em escala Likert. A formulação era: "Considerando as disciplinas em que você participou e que incluíram atividades de extensão, indique sua concordância com as afirmações abaixo (Escala: 1 = Não concordo / 2 = Discordo parcialmente / 3 = Nem concordo, nem discordo / 4 = Concorde parcialmente / 5 = Concorde)."

Gráfico 1. Respostas da Segunda parte do questionário



Fonte: Os autores (2025).

Para as afirmações: 1. A inserção de atividades de extensão foi importante para minha formação; 2. Minha percepção sobre a extensão mudou positivamente após a participação; 3. As atividades contribuíram para a aplicação prática dos conhecimentos; 4. Proporcionaram aprendizados que as disciplinas regulares não ofereceriam; 5. Aprimorei habilidades interpessoais (comunicação, organização, criatividade, trabalho em equipe); 6. Compreendi melhor as dinâmicas e demandas reais do mercado de trabalho; 7. As atividades contribuíram para meu currículo e portfólio. Todas tiveram maior concentração de respostas em "Concordo" ou "Concordo

parcialmente", com mais de 40% de concordância em cada item, algumas ultrapassando 50%. Nenhum item teve maior soma de respostas negativas do que positivas, o que indica percepção favorável à extensão inserida nas disciplinas. Essa percepção positiva e o foco no desenvolvimento de habilidades corroboram os estudos de Pinheiro *et al.* (2025) e Dill e Gomes (2025), que destacam a extensão como fator de formação holística e protagonismo.

A afirmação 8. As atividades mudaram minhas pretensões como futuro(a) profissional de Expressão Gráfica, teve maioria de respos-

tas neutras, seguida por “Concordo” e “Concordo parcialmente”. Isso pode indicar que, para muitos estudantes, a extensão reforça interesses já existentes, sem necessariamente modificar perspectivas profissionais. Como geralmente escolhem atividades alinhadas aos seus interesses, especialmente fora das disciplinas, pode haver menor impacto na ampliação de horizontes. Resultados semelhantes são discutidos por Braga *et al.* (2026), ao observarem que, embora a extensão fortaleça a interdisciplinaridade, ela muitas vezes atua consolidando a responsabilidade social já inerente ao curso.

Sobre a afirmação 9. A inserção da extensão nas disciplinas obrigatórias é necessária, a maioria concordou, embora a soma de “Concordo parcialmente” e “Nem concordo, nem discordo” tenha superado “Concordo”. Isso pode refletir dificuldades em algumas disciplinas ou a valorização das experiências realizadas fora do currículo. Ainda assim, os dados apontam para apoio à extensão nas disciplinas obrigatórias. Essa cautela dos respondentes quanto à obrigatoriedade pode estar relacionada às barreiras de implementação, como falta de tempo e suporte institucional como as mencionadas por Ribeiro *et al.* (2025) e Costa e Roik (2025).

Os docentes também responderam a afirmações semelhantes. Por ser um grupo pequeno, as respostas têm menor confiabilidade estatística, mas é possível identificar padrões relevantes. Em geral, os docentes avaliaram positivamente a inserção da extensão nas disciplinas. A afirmação de que ela foi importante para a formação dos estudantes obteve 100% de concordância. A contribuição para aplicação prática dos conhecimentos e para o currículo dos discentes também foi amplamente reconhecida, reforçando sua relevância na formação acadêmica.

Algumas questões geraram respostas divergentes, como a mudança na percepção sobre a extensão. As opiniões variaram de “não concordo” a “concordo totalmente”, indicando que a experiência nem sempre alterou visões prévias ou pode ter gerado impressões negativas, ponto que será discutido mais adiante. Também houve variação na afirmação de que a extensão proporcionou aprendizados não oferecidos pelas disciplinas regulares. Algumas respostas indicam que, para certos docentes, os conteúdos das disciplinas seriam suficientes mesmo sem atividades extensionistas. Essa percepção reaparece na questão sobre a compreensão das dinâmicas do mercado pelos estudantes. Houve certa hesitação entre os docentes, possivelmente porque entendem as disciplinas como momentos de formação acadêmica, nem sempre estão conectados diretamente ao mundo do trabalho, o que contrasta com a percepção mais positiva dos estudantes. Essa divergência sobre a aplicabilidade prática no ensino a distância ou em disciplinas teóricas é relatada por Ribeiro *et al.* (2025), ao apontarem a dificuldade docente em associar atividades extensionistas a conteúdos tradicionalmente acadêmicos.

A contribuição das atividades para o desenvolvimento de habilidades interpessoais gerou maior incerteza. A maioria dos docentes respondeu de forma neutra, o que pode indicar dificuldade em perceber esse impacto. Sugere-se o uso de instrumentos avaliativos mais específicos para captar a evolução dessas habilidades sob a perspectiva dos estudantes. Essa neutralidade docente corrobora o alerta de Braga *et al.* (2026) sobre a dificuldade de mensurar os impactos da extensão, reforçando que a falta de instrumentos específicos impede que o desenvolvimento de competências socioemocionais seja plenamente reconhecido.

Por fim, quanto à obrigatoriedade da extensão nas disciplinas, a maioria dos docentes concordou parcial ou totalmente, com apenas um se posicionando de forma neutra. Observa-se, assim, uma tendência positiva à obrigatoriedade da extensão e o reconhecimento de seus benefícios na formação dos estudantes. No entanto, para que essa obrigatoriedade seja efetiva, autores como Silva *et al.* (2025) e Da Silva *et al.* (2026) advertem para a necessidade crítica de aprimorar a infraestrutura e oferecer capacitação docente, mitigando as resistências e dificuldades de adaptação.

A terceira parte do questionário avaliou individualmente as disciplinas que incluíram atividades de extensão. Apenas disciplinas com pelo menos três respostas foram analisadas individualmente, as demais foram somadas ao total e avaliadas posteriormente. As afirmações (com opções “concordo” e “discordo”) foram agrupadas em quatro eixos: Planejamento e compreensão da atividade; Desenvolvimento da atividade; Resultados e impacto; e Experiência e interações.

Na disciplina Projeto de Móveis I – Sala da Prof. Drielle (2024), as avaliações foram majoritariamente positivas, embora tenham surgido dúvidas quanto à clareza dos objetivos, organização do tempo, autonomia dos estudantes, aproveitamento no portfólio, abordagem de uma área nova para os estudantes, na percepção de que a atividade solucionava uma demanda concreta da sociedade, bem como na comunicação com os usuários e no acesso a recursos para o desenvolvimento da atividade.

Em Projeto de Móveis II – Quarto do Izídio e Cozinha do Antônio (2022), houve menos discordâncias, mas permaneceram questões sobre tempo, portfólio, novidade da área e comunicação com colegas e usuários. Desta-

ca-se que nessa disciplina, os demandantes/usuários são externos à universidade, diferentemente dos outros projetos de móveis, cujos demandantes foram docentes da universidade. Isso pode ter sido um fator de impacto na percepção positiva dos estudantes. Essa aproximação com demandas reais externas reforça o que Costa e Roik (2025) defendem sobre a necessidade de transformação do ambiente universitário e a inclusão de pensamentos diversos, indo além dos muros da instituição para a construção de vínculos sociais efetivos.

No projeto Home Office da Prof. Zuleica – Projeto de Móveis II (2024), destacaram-se críticas à estratégia de inserção das demandas, à experiência geral e à comunicação com demandantes. Isso mostra que diferentes projetos, mesmo em uma mesma disciplina, Projeto de Móveis, geram percepções diversas, especialmente quando envolvem demandas reais e externas, que podem resultar em frustrações ou dificuldades na aplicação prática. Ainda assim, a maioria das respostas foi positiva, com críticas concentradas em poucos respondentes.

Na disciplina Ergonomia – Produtos para o LABINC (2023), houve recorrência de críticas à organização do tempo, estratégia de inserção das demandas, aproveitamento no portfólio, percepção de solução de demandas concretas e acesso a recursos. Outra turma com projeto distinto também apontou falta de clareza nos objetivos, dúvidas sobre autonomia e comunicação com os usuários. A percepção negativa sobre o portfólio pode estar relacionada ao desalinhamento entre tema e o interesse do estudante, dada a natureza multidisciplinar do curso. O docente também relatou problemas com o tempo, indicando necessidade de reconfiguração da atividade. As dificuldades de organização do tempo e clareza dos objetivos observadas nes-

ta disciplina corroboram os desafios apontados por Braga *et al.* (2026) e Moura Costa e Roik (2025), evidenciando que a eficácia da curricularização da extensão depende não apenas da execução das atividades, mas de uma reestruturação profunda da carga horária e da gestão de recursos para evitar o risco de burocratização e o desalinhamento com os interesses discentes.

Na disciplina Modelagem Digital e Animação II – Projeto Mídias (2024), foram apontadas falhas na clareza dos objetivos, gestão do tempo, inserção das demandas, além da dificuldade em resolver as demandas com os conhecimentos adquiridos no curso, um aspecto não mencionado nos demais projetos. Houve também dúvidas sobre autonomia, inserção no portfólio, novidade da área de pesquisa, experiência geral e comunicação entre participantes. Essas falhas de capacitação e a dificuldade em associar a prática técnica com a extensão assemelham-se às críticas de Hogemann (2026) sobre a falta de preparo que ainda permeiam a im-

plementação da curricularização.

Ainda, três projetos tiveram maior frequência de avaliações negativas: Stand de Expressão Gráfica para a Feira de Profissões (Universo UFPR) – Produção de Evento Extensionista I (2025); Redesign da Logomarca do Museu de Ciências Geodésicas e Cartográficas – Composição II (2023); e Redesign da Logomarca da ABEC-PR – Composição II (2024). As respostas oscilaram entre positivas e negativas, sem unanimidade negativa. A ambivalência sugere insatisfação potencialmente ligada ao tipo de projeto, à condução da disciplina ou ao desalinhamento com os interesses dos estudantes. A percepção docente também indica a necessidade de ajustes na atividade extensionista dessas disciplinas. Essa necessidade de ajustes e a preocupação com a forma de mensuração das atividades encontram eco em Braga *et al.* (2026), que alertam para a importância de não limitar a extensão à simples inclusão de créditos curriculares sem um impacto social e pedagógico claro.

Gráfico 2. Respostas somadas da Terceira parte do questionário





Fonte: Os autores (2025).

Considerando a somatória das análises acerca das disciplinas (Gráfico 2), é importante ressaltar que todas as perguntas apresentaram maior número de respostas positivas do que negativas, o que demonstra uma percepção geral favorável por parte dos respondentes. Destacam-se quatro das afirmações com um índice de concordância superior a 90%. Esses resultados indicam que a relação entre teoria e prática, a aplicação de conhecimentos de diferentes áreas da Expressão Gráfica, a contribuição da atividade para o aprendizado e a comunicação com o(a) professor(a) foram aspectos especialmente bem avaliados. Esses altos índices de aprovação na relação teoria-prática ratificam a visão de Silva, Somer e Andrade (2026), que caracterizam a extensão como uma estratégia eficaz de transposição didática e um laboratório de aprendizagem.

Por outro lado, três outras afirmações apresentaram os maiores índices de discordância, todos acima de 40%. Esses itens se referem, respectivamente, à organização do tempo para realização da atividade, à utilidade da atividade para o portfólio profissional e à comunicação com os usuários/demandantes. Esses pontos podem ser considerados como aspectos críticos a serem aprimorados nas próximas edições das disciplinas. A questão do tempo disponível para a atividade exten-

sionista mostra-se um fator crítico, ainda que esperado neste estágio inicial de inserção da extensão nas disciplinas. Esta dificuldade com a gestão do tempo e a carga horária é um obstáculo recorrente na literatura, sendo enfatizada por Costa e Roik (2025) e Braga *et al.* (2026) como um dos principais gargalos na implementação da curricularização. A pouca experiência dos docentes com os desafios decorrentes da participação de usuários/demandantes reais impacta na diferença entre o tempo planejado e o executado. Esse aspecto tende a se ajustar com o tempo e com o acúmulo de experiências docentes.

Já a utilidade da atividade para o portfólio profissional dos estudantes depende do interesse individual, sendo um aspecto pouco passível de intervenção. No entanto, pode-se trabalhar para que a atividade seja intrinsecamente interessante, mesmo quando diverge dos interesses específicos dos estudantes. Esse fato ocorreu com um estudante que relatou exatamente essa experiência nas perguntas abertas.

A comunicação com usuários/demandantes ocorre principalmente em dois momentos: na apresentação da demanda e na entrega dos resultados. Esses momentos são definidos para que os estudantes desenvolvam suas

propostas com base no conteúdo das disciplinas, priorizando o aprendizado. A percepção de que a comunicação deveria ser ampliada pode refletir uma expectativa equivocada de que os demandantes contribuam com o desenvolvimento das propostas, o que não condiz com a realidade do mercado e pode prejudicar o processo de aprendizagem. Ainda assim, pode-se experimentar um contato intermediário com os demandantes, para ajustes durante o processo, embora isso demande mais tempo, o que nem sempre é viável. A necessidade de sensibilizar a comunidade e aprimorar esses vínculos institucionais, conforme sugerido por Costa e Roik (2025), pode auxiliar no alinhamento de expectativas entre o que a universidade entrega e o que o demandante espera.

A análise das respostas docentes sobre a inserção da extensão nas disciplinas individualmente, consideradas em conjunto, revela percepções bastante positivas. Houve 100% de concordância quanto à compreensão dos objetivos pelos estudantes, à relação entre teoria e prática, à resolução das demandas com base nos conhecimentos adquiridos e ao fortalecimento do perfil do egresso. Também foram bem avaliadas a colaboração entre docentes, estudantes e comunidade, e o acesso a recursos e suportes materiais. Esse reconhecimento docente da importância da extensão para o perfil do egresso vai ao encontro do que propõem Dill e Gomes (2025), ao destacarem o protagonismo e a formação cidadã como frutos consolidados da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Nas demais questões, prevaleceram avaliações positivas. Os docentes apontaram como adequados a definição dos objetivos, o planejamento, a organização do tempo, a pertinência das demandas, o uso de conhecimentos de outras áreas da Expressão Gráfica e a

contribuição das atividades para o desenvolvimento de competências. Além disso, destacaram a influência positiva da experiência, na sua prática docente, a articulação com a comunidade externa e o envolvimento ativo dos estudantes. As poucas respostas negativas refletem experiências pontuais.

Algumas questões, no entanto, geraram controvérsia. A dificuldade de organização do tempo foi apontada por docentes e estudantes, evidenciando um desafio recorrente. Também surgiram críticas à forma de inserção das demandas e à percepção da autonomia dos estudantes, que nem sempre ficou clara. A abordagem de novas áreas variou conforme a disciplina, o que explica a divisão de opiniões. Além disso, alguns docentes relataram dificuldades de comunicação com os estudantes, o que pode afetar o andamento das atividades extensionistas. Esses percalços na comunicação e na autonomia docente-discente são discutidos por Silva *et al.* (2025), que reforçam a necessidade de maior engajamento e do aprimoramento da infraestrutura para que tais atividades alcancem seu potencial pleno.

Apenas duas questões receberam mais respostas negativas do que positivas: a facilidade em avaliar as atividades e a percepção de que elas resolveram demandas concretas da sociedade. Isso reflete os desafios inerentes à prática extensionista, já que problemas reais tendem a ser complexos e de difícil avaliação. Ademais, estudantes ainda em formação nem sempre estão preparados para oferecer soluções definitivas, o que deve ser compreendido como parte do processo formativo, e não como uma falha. A percepção de que as demandas sociais não foram plenamente resolvidas reflete a necessidade, apontada por Moura, Costa e Roik (2025), de uma transformação no ambiente universitário que incluía

pensamentos diversos e a sensibilização da comunidade, uma vez que soluções reais exigem vínculos institucionais profundos que superam a duração de uma disciplina.

Em relação às questões abertas, destacam-se relatos bastante positivos, nos quais discentes e docentes demonstraram conforto e interesse em compartilhar suas vivências, indicando um ambiente de aprendizagem acolhedor e propício à participação. Docentes também relataram casos em que as atividades não foram finalizadas dentro do período da disciplina, mas os(as) estudantes demonstraram interesse em concluí-las depois, reforçando o comprometimento e a relevância formativa da proposta. O interesse dos estudantes em dar continuidade aos projetos mesmo após o término do período letivo exemplifica o que Dill e Gomes (2025) classificam como o despertar do protagonismo e da empatia através de projetos contínuos.

Outro grupo de respostas enfatizou a importância de desenvolver atividades de extensão em áreas distintas das atualmente abordadas. Esses comentários dialogam com a questão da utilidade para o portfólio: como as disciplinas envolvem estudantes de diferentes anos, com interesses diversos, pode haver descompasso entre o projeto e os objetivos individuais. Isso evidencia a necessidade de ampliar a diversidade temática das propostas, favorecendo maior identificação e engajamento dos(as) estudantes. Por outro lado, algumas respostas indicaram que, mesmo quando a atividade não estava diretamente ligada à área de interesse, o envolvimento com um projeto real aumentou o interesse e proporcionou uma experiência enriquecedora. Esses relatos corroboram as respostas positivas obtidas, especialmente na disciplina Projeto de Móveis II – Quarto do Izídio e Cozinha do Antônio (2022).

Algumas observações chamaram atenção para o perfil das turmas e dos demandantes, que podem influenciar negativamente a experiência. Quando a turma demonstra pouco interesse no tema, a motivação diminui e os resultados podem ser comprometidos. Do mesmo modo, expectativas irreais dos(as) demandantes sobre os resultados de um trabalho acadêmico também afetam a percepção geral da experiência. Um exemplo citado envolveu o redesenho de um logotipo, em que as exigências foram excessivas, gerando frustração e dificultando a abordagem criativa. Isso desmotivou os(as) estudantes e comprometeu o resultado. O docente responsável destacou, porém, que essa experiência, ainda que negativa, refletiu com realismo o mercado de trabalho, onde nem sempre é possível escolher os projetos. Situações como essa aproximam os(as) estudantes das demandas reais da profissão e da necessidade de lidar com restrições externas. Essa aproximação com o "mundo real", conforme aponta Hogemann (2026), é o que permite à extensão universitária promover habilidades que vão além da técnica, preparando o estudante para as resistências e dinâmicas da vida profissional.

Por fim, alguns poucos comentários mencionaram baixo aproveitamento das disciplinas e das atividades de extensão, citando frustrações, limitações criativas e outros obstáculos. Esses relatos indicam a importância de aprimorar a comunicação sobre os objetivos das atividades e de ajustar o planejamento didático, para aumentar o engajamento e a percepção de valor entre estudantes e docentes. Como sugerido por Silva *et al.* (2026), ciclos de feedback constantes e a reflexão sobre a prática são caminhos necessários para que essas frustrações sejam convertidas em oportunidades de transposição didática e amadurecimento acadêmico.

A análise comparativa entre os dados coletados e a literatura recente revela que os resultados obtidos no curso de Expressão Gráfica guardam fortes semelhanças com o cenário nacional, especialmente no que tange aos impactos positivos e às barreiras estruturais. Observa-se que a percepção dos docentes e discentes sobre o desenvolvimento de protagonismo e empatia é muito similar aos achados de Dill e Gomes (2025) em cursos de Economia, reforçando que a extensão, quando bem aplicada, transcende a área técnica. Por outro lado, as dificuldades mencionadas pelos estudantes com a infraestrutura e o desconhecimento inicial sobre o processo de curricularização convergem com as críticas de Hogemann (2026) e Silva *et al.* (2025), embora a questão do "tempo" tenha se mostrado um fator ainda mais crítico do que a capacitação docente propriamente dita. Além disso, o processo de implementação conjunta e discussão de carga horária realizado neste curso assemelha-se à metodologia de planejamento participativo relatada por Frutuoso e Speridião (2025) na Nutrição, demonstrando que o caminho para uma integração curricular orgânica passa, necessariamente, por esse diálogo constante entre os envolvidos.

Sob a luz da importância dos projetos sociais na extensão (BRASIL, 2025), nota-se que o impacto mais profundo na formação cidadã ocorre quando os demandantes são externos à universidade, quebrando os muros acadêmicos e expondo o estudante a problemas reais. Contudo, há uma clara dificuldade em inserir esses projetos complexos logo no início do processo de extensão, muitas vezes devido ao receio docente em lidar com demandas sociais sem ter uma experiência prévia consolidada ou recursos garantidos. Costa e Roik (2025) e Silva *et al.* (2025) alertam que essa hesitação pode limitar o alcance da extensão, mas reforçam que a necessidade

de transformação do ambiente universitário exige o enfrentamento desses desafios. Superar esse medo inicial é essencial para que a extensão não se restrinja a projetos internos ou simulados; é preciso que o docente se sinta apoiado institucionalmente para mediar a relação com a comunidade, garantindo que o discente aprenda a lidar com a complexidade social desde cedo, transformando a insegurança técnica em responsabilidade profissional e compromisso com o bem comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades curriculares de extensão têm sido inseridas nas disciplinas do curso de Expressão Gráfica desde 2022 em disciplinas determinadas no Projeto Pedagógico do curso. Esta reforma curricular ocorreu em resposta à Lei nº 13.005, que tornou obrigatória a inserção de atividades extensionistas em 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação (BRASIL, 2014). Nesse contexto, o objetivo deste artigo foi descrever a percepção de estudantes e professores quanto aos impactos das atividades curriculares de extensão na formação discente do curso de Expressão Gráfica da UFPR. Para atingir esse objetivo, utilizou-se o método de pesquisa *survey*, com a aplicação de questionário a estudantes participantes das atividades e professores das disciplinas em cujas atividades extensionistas foram inseridas.

A análise das respostas evidenciou a percepção positiva da inserção da extensão nas disciplinas pela maior parte dos respondentes, tanto estudantes como professores. Percebe-se que as atividades extensionistas são consideradas importantes para a formação, pois permitem a aplicação prática de conhecimentos teóricos e técnicos, além de possibilitar a compreensão de dinâmicas de mercado. Por outro lado, o tempo disponibilizado

para a realização destas atividades mostrou-se como um grande desafio, tanto para estudantes como para professores. A necessidade de maior planejamento por parte dos estudantes e de ajustar o cronograma das atividades por parte dos professores se mostra necessária. Além disso, atividades que trazem para dentro da sala de aula propostas diferenciadas e de interesse dos estudantes, são mais valorizadas para a realização das atividades extensionistas.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi plenamente atingido, possibilitando identificar oportunidades de melhoria em todas as disciplinas com atividades de extensão inseridas. Mais que isso, foi possível verificar que é possível e vantajoso cumprir a exigência legal de tornar a extensão obrigatória no ensino superior. A análise dos dados foi feita por

pesquisadores com diferentes percepções sobre este contexto, sendo dois professores, um que aplica e outro que não aplica a curricularização da extensão, e um estudante. Essa diferenciação é importante para evidenciar a isenção da análise feita.

Finalmente, recomenda-se a ampliação do levantamento de informações sobre a curricularização da extensão em outros cursos, a fim de viabilizar análises comparativas que permitam identificar com mais precisão acertos e dificuldades, promovendo melhorias por meio da troca de experiências. Além disso, sugere-se a criação de ferramentas de avaliação para acompanhar e apoiar a vivência de discentes e docentes, contribuindo para o aperfeiçoamento contínuo das atividades extensionistas e para uma experiência mais satisfatória para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BENATTI, Lia Paletta; LANA, Sebastiana Luiza Bragança. Do projeto à produção a inserção da prática para o ensino do design. **Design e Tecnologia**, v. 8, n. 16, p. 123-135, 2018.

BRAGA, Talícia dos Santos *et al.* Curricularização da extensão no curso de Ciências Contábeis da UFT: desafios e perspectivas. **Revista Extensão**, v. 10, n. 2, p. 70-77, 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 151, nº 120-A, p. 1-8, 26 jun. 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Extensão universitária em participação social.** Brasília:

Ministério da Educação, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/extensao_em_participacao_social.pdf. Acesso em: 6 abr. 2026.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design.** Editora Blucher, 2008.

CEGRAF. **Projeto pedagógico do curso de Expressão Gráfica.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018. Disponível em: https://exatas.ufpr.br/cegraf/wp-content/uploads/sites/3/2019/09/PPC_Projeto_Pedagogico_de_Curso__Expressao_Grafica.pdf. Acesso em: 5 mai. 2025.

COSTA, Angela Maria Moura; ROIK, Anderson. Serviço Social, Educação Popular e Curricularização da Extensão Universitária. **Emancipação**, v. 25, p. 1-16, 2025.

CUNICO, Letícia; SPESSATTO, Marizete Bortolanza.

A curricularização da extensão análise de uma experiência no curso superior de tecnologia em Design de Moda. **Perspectivas em Diálogo**, v. 09, n. 19, p. 282-300, 2022.

DILL, Matheus Dhein; GOMES, Julia Barreto. Curricularização da extensão: teoria, prática e aprendizado. **Revista da Extensão**, p. 88-94, 2025.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2026.

FREITAS, Henrique; OLIVEIRA, Míriam; SACCOL, Amarolinda Zanela; MOSCAROLA, Jean. O método de pesquisa Survey. **Revista de Administração**, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul/set, 2000.

FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí; SPERIDIÃO, Patrícia da Graça Leite. Curricularização da Extensão: caminhos e desafios de uma experiência de formação de nutricionistas. **Revista Ciência em Extensão**, v. 19, n. 1, p. 270-286, 2025.

HOGEMANN, Edna Raquel. Políticas públicas para a educação superior: o caso da curricularização da extensão universitária. **Direitos Democráticos & Estado Moderno**, v. 3, n. 16, p. 194-211, 2026.

MONTEIRO, Beany Guimarães. Ensino, pesquisa e extensão universitária sobre a ótica do design para inovação social. **MIX Sustentável**, v. 7, n. 1, p. 151-158, 2020.

PINHEIRO, Marcela G. *et al.* Grupo PET como Fator Chave na Aplicação da Curricularização da Extensão em Cursos de Graduação. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM COMPUTAÇÃO (EDUCOMP), 5., 2025, Juiz de Fora/MG. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2025. p. 572-583.

RIBEIRO, Jefferson Bruno Pereira *et al.* Percepção docente sobre a curricularização da extensão universitária em educação a distância: aproximações teóricas e possibilidades práticas. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 5, p. e14523-e14523, 2025.

SANTOS, Aguinaldo (*org.*). **Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduandos em design e**

áreas afins. Curitiba: Insight, 2018.

SILVA, Silvio Luiz Rutz da; SOMER, Aloisi; ANDRADE, André Vitor Chaves de. A curricularização da extensão como estratégia para a divulgação científica. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 33, p. e17740-e17740, 2026.

SILVA, Thiago Reis da; SANTOS, Nivia Maria Barros Vieira; OLIVEIRA, Franklyn Brito Mourão de. Curricularização da Extensão em um Curso de Tecnologia em Redes de Computadores. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM COMPUTAÇÃO (EDUCOMP), 5., 2025, Juiz de Fora/MG. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2025. p. 584-595.

Recebido em: 04/08/2025

Revisado em: 30/03/26

Aprovado em: 12/05/26